

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA - MODALIDADE A DISTÂNCIA

A APROPRIAÇÃO DA FALA POR MEIO DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: REALIDADE E SUTILEZA

JOÃO PESSOA
2021

WESLANIA ANDRESA VIEIRA DA SILVA

**A APROPRIAÇÃO DA FALA POR MEIO DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: REALIDADE E SUTILEZA**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de licenciatura
em Pedagogia, modalidade a distância,
do Centro de Educação da Universidade
Federal da Paraíba, em cumprimento às
exigências legais para a obtenção do
grau de licenciada.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Luisa de
Nogueira Amorim

**JOÃO PESSOA
2021**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586a Silva, Weslania Andresa Vieira da.

A apropriação da fala por meio do brincar na educação infantil: realidade e sutileza / Weslania Andresa Vieira da Silva. - João Pessoa, 2021.

43 f.

Orientação: Ana Luisa de Nogueira Amorim.

TCC (Graduação em Pedagogia - modalidade a distância)
- UFPB/CE.

1. Oralidade. 2. Brincar. 3. Criança. 4. Educação infantil. I. Amorim, Ana Luisa de Nogueira. II. Título.

UFPB/CE

CDU 373.2(043.2)

WESLANIA ANDRESA VIEIRA DA SILVA

**A APROPRIAÇÃO DA FALA POR MEIO DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: REALIDADE E SUTILEZA**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de licenciatura
em Pedagogia, modalidade a distância,
do Centro de Educação da Universidade
Federal da Paraíba, em cumprimento às
exigências legais para a obtenção do
grau de licenciada.

APROVADO EM 21/06/2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Ana Luisa Nogueira de Amorim – DHP/UFPB
(orientadora)

Prof.^a Dr.^a Idelsuite de Sousa Lima – DME/UFPB
(examinadora)

Prof.^a Ma. Rayssa Maria Anselmo de Brito – DEBAS/UFPB
(examinadora)

AGRADECIMENTOS

Chegado o momento de realizarmos um sonho, não podemos nos furtar de agradecer a quem nos ajudou nessa caminhada. A Deus por nos possibilitar acreditar que mesmo diante de tantas dificuldades era possível ingressar numa universidade pública e realizar um sonho pessoal.

Ao meu filho, Miguel, presente de Deus na minha vida.

A meu esposo, Fabrício Havy, que me incentivou a prosseguir no curso, agradecê-lo pela paciência que teve durante esta caminhada, sempre me ajudando para a concretização deste sonho. Aos meus pais, Aldina e José Haroldo, que sempre me incentivaram a estudar e sempre acreditaram na minha capacidade em conciliar família, trabalho e faculdade. E, finalmente, a todos aqueles que diretamente ou indiretamente contribuíram para a realização deste sonho.

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de investigar como o brincar praticado na educação infantil contribui no desenvolvimento e apropriação da oralidade, escuta e interpretação adequada do contexto no qual está inserida a inicialização do processo de leitura e letramento. No decorrer desta pesquisa, foram feitas considerações sobre a educação infantil ao longo da história e um breve relato sobre o histórico da infância. Para tanto, detemo-nos especialmente na aquisição da linguagem por meio da cultura histórico-social. O estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica realizada em livros e nas seguintes bases de dados: Periódicos CAPES, SciELO, e Google Acadêmico. Este estudo descritivo com abordagem qualitativa, realizado através de levantamento bibliográfico se norteou nas possíveis soluções para problemas atuais e alguns desafios que os/as professores/as vêm vivenciando ao inserir o brincar como um fator positivo para o desenvolvimento da fala por meio de brincadeiras orientadas, buscando, assim, inovações que proporcionem compreensão em torno do tema estudado, analisando suas contribuições em relação ao desenvolvimento. Ao realizar esse trabalho foi constatado o quanto foi envolvente a pesquisa. A escolha do tema deu-se em função de como o lúdico pode influenciar na apropriação da fala das crianças através de brincadeiras. Foi possível observar que a prática da leitura precisa ser melhorada, pois a leitura não é só para memorizar, mas sim para refletir, construir, criar, explorar, sendo isto que precisa ser estudado e incentivado, começando em casa e em especial na escola. Enfim, frente às características específicas da educação infantil, considera-se que o brincar pode estar sempre inserido nesta fase tão importante do ensino.

Palavras-Chave: Oralidade, Brincar, Criança, Educação infantil.

ABSTRACT

This work aims to investigate how the playing practiced in early childhood education contributes to the development and appropriation of orality, listening and adequate interpretation of the context in which the initialization of the reading and literacy process is inserted. During this research, considerations were made about early childhood education throughout history and a brief report on the history of childhood. Therefore, we focus especially on language acquisition through social-historical culture. The study is a bibliographic research carried out in books and in the following databases: Periódicos CAPES, SciELO, and Google Academic. This descriptive study with a qualitative approach, carried out through a bibliographic survey, was guided by possible solutions to current problems and some challenges that teachers have been experiencing when inserting playing as a positive factor for the development of speech through guided games, thus seeking innovations that provide understanding around the subject studied, analyzing their contributions in relation to development. When carrying out this work, it was verified how involving the research was. The choice of the theme was due to how playfulness can influence the appropriation of children's speech through games. It was possible to observe that the practice of reading needs to be improved, as reading is not just for memorizing, but for reflecting, build, create, explore, and this is what needs to be studied and encouraged, starting at home and especially at school. Finally, given the specific characteristics of early childhood education, it is considered that playing can always be inserted in this very important stage of education.

Keywords: Orality. Playing. Child. Child Education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. HISTÓRICO SOBRE A INFÂNCIA E A EDUCAÇÃO INFANTIL NO DECORRER DA HISTÓRIA.....	11
2.1 EDUCAÇÃO INFANTIL: O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA	11
2.2 BREVES CONSIDERAÇÕES ACERCA DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM A PARTIR DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL.....	15
2.3 BREVES CONSIDERAÇÕES ACERCA DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM NA PERSPECTIVA DA INTERAÇÃO SOCIAL	20
2.4 O BRINCAR COMO FATOR INDISPENSÁVEL PARA O DESENVOLVIMENTO DA APROPRIAÇÃO DA FALA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	24
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	32
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO	34
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	40

1. INTRODUÇÃO

A educação infantil ganhou relevância na sociedade brasileira, figurando como direito garantido através de marcos legais, como a Constituição Federal de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) e a Lei de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, nas quais é estabelecido o acesso à educação desde a infância como um direito fundamental e o acesso ao conhecimento como direito de aprendizagem apresentado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A educação passou a ser de responsabilidade solidária entre Estado e família, deste modo, todo e qualquer cidadão está amparado pela legislação, tendo como axioma não apenas a segurança desse direito, mas que este também seja concretizado de forma igualitária, garantindo-lhe a eficácia e a permanência dos educandos em sala de aula, desde a infância.

Ante esta conjuntura supracitada, os educadores, precisam proporcionar uma aprendizagem de qualidade e efetiva, que promova o desenvolvimento, por meio de atividades que significam o aprendizado de forma lúdica, utilizando o brincar como meio de experimentação e concretização do processo de ensino e aprendizagem. para as crianças. Ainda que o brincar faça parte do cotidiano infantil e esteja amparado pelos documentos legais, a exemplo das DCNEI e BNCC, nem sempre é estimulado, valorizado e praticado como ferramenta no processo pedagógico do cotidiano escolar.

Em parte, as aulas ainda estão presas à vícios docentes, práticas tradicionais, que fogem ao que se é estipulado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, pela Base Nacional Comum Curricular, pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e pelas novas propostas pedagógicas dos gêneros textuais, pois, na visão tradicional, o brincar é visto como uma atividade recreativa, sem contribuições relevantes no processo pedagógico, dificultando, assim, sua contribuição no desenvolvimento e apropriação da codificação linguística.

É preciso estar atento às novas perspectivas educacionais, onde o brincar, não é simplesmente uma “recreação” para distrair os educandos, ao contrário, as atividades realizadas através das atividades recreativas contribuem de modo positivo

com a educação escolar. Impulsiona o desenvolvimento, a coordenação muscular, as faculdades intelectuais, o protagonismo e a autoestima.

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) obteve recentemente, dados que apontam certo avanço no desempenho da linguística dos discentes, pode-se observar que o índice registrado nos anos iniciais no país passou de 5,8, em 2017, para 5,9, em 2019, superando a meta nacional de 5,7 - considerando tanto escolas públicas quanto particulares, porém, na prática, durante o desenvolvimento das atividades na sala de referência ainda nos deparamos com dificuldades nas competências: da oralidade, escuta e codificação. (IDEB, 2021)

Por este motivo e por se tratar de um estudo acerca da educação infantil, pretendemos investir nestes objetos, a oralidade e a escuta, tão importantes na aprendizagem, e que são de grande relevância para o desenvolvimento pleno da criança e conseqüentemente corrobora com a formação cidadã, já que são essenciais para o desenvolvimento e apropriação às práticas letradas e de inserção social.

Nessa ótica vamos fazer uma reflexão das teorias estudadas e suas implicações no processo de ensino e aprendizagem.

Nosso principal objetivo é investigar como o brincar praticado na educação infantil contribui no desenvolvimento e apropriação da oralidade, escuta e interpretação do contexto no qual está inserida a inicialização do processo de leitura e letramento.

A partir daí definimos os objetivos específicos que são: Verificar como as publicações da área abordam a questão da aquisição e apropriação da fala, bem como reconhecer como o brincar contribui significativamente para a formação leitora na perspectiva de letramento, como também identificar nos gêneros orais da infância (parlendas/ cantigas de roda/ trava-línguas) a ampliação do vocabulário assim como a atenção, escuta e interpretação das palavras.

Como metodologia utilizamos a pesquisa bibliográfica com o objetivo de analisar a aquisição e desenvolvimento da fala por meio do brincar na educação infantil, partindo do pressuposto que o brincar é indispensável às práticas educativas com crianças. Para isto, demanda-se revisão literária com ênfase nos pressupostos históricos e legais que justificam o brincar como metodologia na educação infantil, além de apresentar a relevância que os cientistas da educação conferem às brincadeiras para o desenvolvimento integral das crianças verificando, através das

experiências encontradas, as estratégias utilizadas para a inserção da literatura como ferramenta de estímulo a identidade leitora nas crianças

Nesse sentido, organizamos este trabalho da seguinte forma:

Inicia-se este trabalho trazendo uma análise sobre o processo de desenvolvimento da criança na educação infantil, logo após breves considerações acerca da aquisição da linguagem a partir da teoria histórico-cultural, em seguida foi realizada breves considerações acerca da aquisição da linguagem na perspectiva da interação social e para finalizar a pesquisa foi relatado sobre o brincar como fator indispensável para o desenvolvimento da aprendizagem

Finalmente foram apresentadas as considerações finais baseada na questão inicial que originou esta investigação.

Portanto, o mérito desse trabalho está na busca de uma melhor compreensão em relação a um tema muito antigo e muito discutido atualmente que é o desenvolvimento da fala por meio de atividades lúdicas.

2. HISTÓRICO SOBRE A INFÂNCIA E A EDUCAÇÃO INFANTIL NO DECORRER DA HISTÓRIA

No decorrer deste capítulo, realizamos considerações sobre a educação infantil ao longo da história e um breve relato sobre o histórico da infância. Para tanto, nos deteremos especialmente acerca da aquisição da linguagem por meio da cultura histórico-social.

2.1 EDUCAÇÃO INFANTIL: O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Sabe-se que o momento muito importante para o desenvolvimento da criança é da gestação até os seis anos de idade, pois é neste período que a criança adquire suas primeiras conexões com o mundo, como afirma Antunes (2004, p. 9) que a criança "precisa desenvolver-se plenamente nos aspectos físico, psicológico, intelectual e social, por meio de uma educação bem estruturada que atenda às necessidades da criança", mas essa importância não foi sempre considerada ou exercida, pois durante muitos anos a criança, não era vista como alguém que necessita de cuidados apropriados para a sua faixa etária e cada período do seu desenvolvimento.

Na Europa, no final do século XVIII e começo do século XIX, começa a surgir a ideia de creche como uma alternativa para resolver a problemática existente entre os menos favorecidos que não tinham com quem deixar suas crianças de 0 a 3 anos durante o tempo de trabalho da família nas fábricas. (ÁRIES, 1978, p. 95)

Com o crescimento do capitalismo e o aumento da população que saía para trabalhar nas indústrias, como frisa Sanches (2004), a creche surge como um local de guarda das crianças de 0 a 3 anos enquanto os pais estavam no trabalho. Assim os donos das indústrias construíram vilas operárias com escolas e creches, para os pais trabalharem mais satisfeitos.

Como coloca Áries (1978) a infância no início do século XX não existia, a criança era vista como um adulto em miniatura, era considerada como um ser sem maldade e divertida, isto é, a criança servia apenas para entreter os adultos, e não era atribuído nenhum significado específico. Mas devido a inúmeras críticas estas ideias começaram a mudar um pouco, pois agora a criança não era mais vista como

alguém para diversão, e inocente, mas um indivíduo, que tinha sentimentos e que era necessário conhecê-la e não a mimar para corrigir seus erros.

Mas na Idade Moderna a percepção sobre a criança começa a mudar, principalmente nas classes mais nobres, sendo percebido que a necessidade das crianças era diferente dos adultos, e assim as crianças passaram a receber mais cuidado e atenção. A classe social é um dos fatores que dividiam os direitos das crianças, o qual segundo Áries (1978), havia um pensamento tradicional de separação entre o trabalhador braçal e os de classes mais altas, os quais induziam a pertencerem a mundos diferentes.

No início, a educação infantil exerceu por algum tempo um papel assistencialista. No Brasil, este sistema perdurou por muito tempo e veio a perder força com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei N° 9.394 de 20 de dezembro de 1996 (LDB), que reconhece a criança como um indivíduo de direitos. A referida lei estabelece que a Educação Infantil é direito da criança de 0 a 6 anos e é dever do Estado garanti-la, trazendo assim, uma mudança na concepção do que seria a Educação Infantil, como também mudança na concepção do que seria a criança, que passa a ser vista como sujeito de direito e que necessita de ter um desenvolvimento integral.

É importante ressaltar que o período da Educação Infantil é primordial para o desenvolvimento da criança, como afirma o autor:

Os primeiros anos de vida são anos verdadeiramente de educação. Segundo as ciências que estudam o desenvolvimento infantil, a construção da inteligência e a aquisição da aprendizagem, bem como a aquisição de habilidades, de valores e das atitudes, são desenvolvidas nesta fase e servem para toda a vida (EIBEL, 2005, p. 4).

Então desta forma acredita-se que a Educação Infantil é a base de formação do indivíduo, é no momento o qual a criança adquire os seus valores que os levará ao longo da sua vida.

Em 1996, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Educação Infantil passou a ser vista como a primeira etapa da Educação Básica. Segundo Machado (2005), o trabalho pedagógico passou a ganhar aceitação e a adquirir uma grande dimensão no sistema educacional, porque o seu objetivo visava contribuir com

o desenvolvimento da criança de zero a seis anos e conduzi-las no exercício da cidadania nessa faixa etária.

Estudos realizados na década de 1980 demonstraram que a Educação Infantil é muito importante nos primeiros seis anos de vida, pois contribui no desenvolvimento intelectual do ser humano.

Farias (1999) afirma que com este avanço a criança tem uma definição diferenciada, pois agora ela passa a ser vista como alguém capaz de se integrar e produzir cultura no meio em que vive.

Em acordo com a legislação vigente, surge o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, 1998), onde o seu objetivo era o de contribuir para a implementação de práticas educativas de qualidade no interior dos centros de Educação Infantil.

A ideia do RCNEI (1998) era a de servir como guia de reflexão dos objetivos, conteúdos e orientações didáticas para os profissionais que atuam com crianças na faixa etária de zero a seis anos.

O RCNEI (1998) traz em seu bojo, diversas sugestões e objetivos que as instituições educacionais devem primar por desenvolver para que as crianças tenham a sua capacidade explorada e aprimorada.

Esse documento classifica essa ordem com características próprias, sendo elas de ordem física, caracterizando o uso do corpo para uma melhor expressão das emoções e a coordenação motora; a de ordem cognitiva, que deve envolver a comunicação do pensar, as resoluções de problemas; a de ordem afetiva, para uma melhor convivência e autoestima; a de ordem estética, para a produção cultural e artística da criança; a de ordem ética, denominada para a construção de valores, para a relação interpessoal, destacando os valores de convivência com os diferentes costumes e cultura; e, por fim, a de ordem de inserção social, que se classifica como a possibilidade que a criança deva a ter com relação à participação dela na comunidade e sociedade (BRASIL, 1998, p. 48).

É a qualidade na educação infantil e seus princípios pedagógicos que se destacam como fatores fundamentais para o ensinar e o aprender, fatores estes que estão definidos no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998).

A partir dessas reflexões, afirma-se que uma prática pedagógica e uma prática docente na perspectiva das especificidades e necessidades da educação infantil

devem ser organizadas de forma que desenvolvam suas capacidades expressivas e instrumentais do movimento de observação e identificação de imagem de comunicação sobre o meio ambiente, de conceitos aritméticos e espaciais que levem à construção da identidade das crianças por meio de práticas diversificadas realizadas em situações de interação pedagógica.

Ainda nos anos de 1998 e 1999, o Conselho Nacional de Educação aprovou as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 1999), com o objetivo de direcionar, obrigatoriamente, os encaminhamentos pedagógicos dessa etapa educativa aos professores e profissionais dos sistemas de educação municipal.

Apesar de nas últimas décadas ter havido um aumento considerável da expansão do atendimento as crianças nas creches, há ainda uma deficiência, em especial as famílias de baixa renda, pois estas têm menores oportunidades em relação as famílias de nível socioeconômico mais elevado.

Isso nos faz reconhecer que, apesar da incidência da legislação reconhecendo a importância da educação nos primeiros anos de vida da criança, o desafio para que haja o efetivo atendimento desse direito nos faz ver que há a necessidade de se melhorar tanto o acesso quanto a qualidade do atendimento.

Segundo Barreto (1998), no que tange a busca pela qualidade, existem questões complexas que necessitam ser trabalhadas e aprimoradas. Como no Projeto Político Pedagógico das instituições, a formação e valorização dos professores e recursos financeiros destinados a essa faixa etária. Para que desta forma haja a efetivação dessa finalidade, no ano de 2001, a Lei Nº 10.172/01, Plano Nacional de Educação (PNE), foi aprovada e seu objetivo principal foi o estabelecimento de metas para todos os níveis de ensino da educação brasileira e foi reestruturado em 2014, pela lei de nº 13.005/2014, com vigência para o decênio 2014/2024 estabelecendo em seu bojo 20 metas e 10 diretrizes a serem efetivadas nessa década para a melhoria do ensino em todos os níveis e a promoção de uma educação de qualidade.

O PNE trouxe em seu bojo objetivos como: a redução das desigualdades sociais e regionais no que tange a permanência e o acesso da criança e do adolescente no ensino público, objetivo este que se aplica na educação infantil, visto que a desigualdade de acesso e permanência das crianças nas instituições de educação infantil é bastante significativa nas classes menos favorecidas.

Em 2018 foi elaborado o texto final da Base Nacional Comum Curricular, o qual foi aprovado com força normativa, estabelecendo a sistematização das aprendizagens essenciais de forma progressiva que todos os educandos devem desenvolver no decorrer de sua formação acadêmica básica.

Em capítulo próprio a educação infantil ganha destaque e relevância no cenário nacional apresentando os direitos de aprendizagem para essa etapa educativa que são conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. O cuidar e o educar não se separam, e dão ênfase a oralidade por meio do campo de experiência: escuta, fala, pensamento e imaginação.

Diante do exposto, percebemos que as duas últimas décadas foram um tempo de conquistas dos direitos das crianças brasileiras. Às famílias fora dada a opção em dividir a educação de seus filhos com o Estado e a sociedade. O estado por sua vez passou a ter o dever de salvaguardar todos esses direitos. A criança passa a ser vista como sujeito de direito e protagonista em seu processo de aprendizagem, assim como o professor passa a ter o papel de mediador nesse processo.

2.2 BREVES CONSIDERAÇÕES ACERCA DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM A PARTIR DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

O processo de apropriação e desenvolvimento da linguagem oral das crianças na educação infantil, de acordo com a teoria Histórico-Cultural, pode ser compreendido como produto resultante da ação humana que é desenvolvido ao longo do processo de desenvolvimento histórico da consciência do homem. Assim sendo, a união do pensamento e palavra é manifestado por meio da linguagem expressa, o que reflete na construção e internalização de significados do próprio pensamento, subsidiando o aprimoramento, reflexão e modificação de conceitos, ideias e formas.

De acordo com Vigotski, Luria e Leontiev (2014) o homem é um ser social que é transformado por intermédio das interações que estabelece com o outro, o que o torna humano. Desta forma, o desenvolvimento e a aprendizagem estão intrinsicamente correlacionados desde o nascimento da criança. Isso é efetuado pela dinâmica das relações sociais em dois momentos interrelacionados: primeiramente em uma dinâmica interpessoal, em seguida uma intrapessoal.

Na primeira as relações externas, por meio de ações mediatas corroboram com a aprendizagem. Ao passo em que ocorre a mediação, o indivíduo se apropria de saberes que impulsionam seu desenvolvimento. O que resulta em uma dinâmica intrapessoal como conquista do processo intrapsíquico, representando dessa forma a internalização do saber.

O processo de internalização do saber é constituído de acordo com os níveis de desenvolvimento da criança, ou seja, as condições efetivamente possíveis da Zona de Desenvolvimento Real (ZDR). Nesta a criança já possui suas capacidades efetivadas o que a permite agir e solucionar de forma autônoma determinados problemas.

Vigotski (1991), entretanto, salienta que conhecer o que a criança já é capaz de resolver de modo autônomo, ou seja, que já desenvolveu capacidades e habilidades que possibilitam tal desenvolvimento, portanto, são processos psíquicos já concretizados. O indispensável é desta forma, atuar no que ela ainda não conhece, mas está a caminho de aprender, ou seja, é de suma importância conhecer sua Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), esta enfatiza que a criança não tem domínio total a respeito de tal conhecimento, no entanto com a colaboração/mediação de indivíduos que já o domina conseguem solucionar o problema. A ZDP é o índice de possibilidade de o conhecimento ser internalizado (conhecimento real) mediante a intervenção dos educadores, corroborando desta forma com a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo (VIGOTSKI, 1984).

A linguagem é explicada por Vigotski, Luria e Leontiev (2014) como um conceito indispensável para se analisar a formação dos processos mentais do indivíduo. O teórico utiliza-se de investigações experimentais como argumentos sobre os processos de formação ativa, entendendo que essa tem seu início a partir da linguagem em sua atividade, propicia uma organização emocional complexa, ou seja, o desenvolvimento de processos mentais superiores, pois

[...] o desenvolvimento mental humano tem origem na comunicação verbal entre a criança e o adulto e que uma função, que está em princípio dividida entre duas, passa depois a ser o meio pelo qual se organiza a conduta pessoal da criança. (VIGOTSKI; LURIA; LEONTIEV, 2014, p. 86).

Vigotski, Luria e Leontiev (2014) compreende que a humanização é viabilizada por intermédio da linguagem, onde há uma ampla relação entre a criança e os sujeitos mais experientes que convivem com a mesma. A apropriação da linguagem dá as crianças condições para a realização das práticas sociais, tanto relações espontâneas como dirigidas, de modo que poderá ser capaz de modificar ou aperfeiçoar os saberes que traz consigo, aprimorando-os a cada instante.

Para Gonçalves (2007) as palavras não são inventadas, são produtos das relações socioculturais históricas produzidas pelas crianças de maneira significada, ou seja, a linguagem é o meio que possibilita a mediação entre o meio em que a criança vive, os valores e a cultura na qual está inserida. Assim, torna-se indispensável para a (trans)formação do seu pensamento e vida social por meio da linguagem.

A linguagem oral pode ser compreendida, segundo Zhinkim (1960), como um objeto que constitui o ser humano, possibilitando por meio do falar o desenvolvimento de seus pensamentos, enriquecendo o vocabulário e a significação dos signos o que serve de suporte para a interação social com o outro. Desta forma, quando nos comunicamos, trocamos informações e vivências, estimulando o outro e a nós mesmos a respeito do que é falado e ouvido, de modo que é possível a modificação dos (pré-)conceitos formados até então. Por fim, a comunicação oral tem um caráter influenciado de forma dialética.

De acordo com Lima (2001), a linguagem é uma necessidade pessoal e social, além disso a estruturação da linguagem interna e escrita alcançada pela criança é embasada pela apresentação e prática da linguagem oral.

A primeira forma da linguagem a ser apropriada pelo homem é a oral, cujo desenvolvimento e domínio reorganiza outras capacidades humanas específicas tais como a memória, o pensamento, a atenção, a percepção e, em última instância, a própria conduta – o que caracteriza o desenvolvimento sistêmico do psiquismo. (LIMA, 2001, p. 100).

Assim sendo, ao abordarmos a temática da apropriação da fala na educação infantil, faz-se mister enfatizar que a interrelação entre linguagem e pensamento dada pela palavra falada outrora imitada, torna-se base significativa no eixo do pensamento, ou seja, a linguagem oral é um instrumento que condiciona o desenvolvimento da criança.

A linguagem na atualidade se constitui de um eixo básico para o desenvolvimento intelectual do indivíduo. Segundo o dicionário Aurélio (2003), “Leitura é ato, arte ou hábito de ler, aquilo que se lê, operação de percorrer, em um meio físico, sequências de marcas codificadas que representam informações registradas”. Desta forma, ler não é fácil porque necessita de vários fatores como a capacidade do desenvolvimento cognitivo e os conhecimentos empíricos das crianças dentre outros.

É com ressalta Freire (2001, p.1) que “Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante... Ler é procurar buscar criar a compreensão do lido; daí entre outros pontos fundamentais, a importância do ensino correto da leitura e da escrita”. Ou seja, o professor precisa ensinar a criança a entender a leitura, e interpretar.

É como afirma Klebis (2006) que:

A leitura envolve, obviamente, processos cognitivos tais como entender, interpretar, inferir, relacionar, depreender; exige raciocínio lógico, contextualização, visão crítica. Todavia, a leitura tem também implicações subjetivas que escapam a tudo isso, e é, em parte, em virtude dessas implicações, que a leitura não pode ser entendida somente como técnica, o que nos levaria à ideia de métodos pré-fabricados através dos quais aprenderíamos as formas mais corretas e eficientes de ler. (KLEBIS, 2006, p. 18).

De acordo com o autor a escola necessita ir além do desenvolvimento das habilidades leitoras, precisa propiciar o envolvimento da criança, com a leitura, ajudando-os não apenas para o desenvolvimento dos leitores iniciantes, mas, também, dando condições para a autonomia do educando enquanto leitor, para que se sinta estimulado a continuar a prática da leitura ao longo de sua vida, e quando esse processo acontece, a criança levará essa bagagem para toda sua vida.

Com base no pensamento de Foucambert (1994, p.17) ele afirma que, “A escola é um momento da formação do leitor”. Pois, antes da Educação infantil, ou seja, o ensino normal, a criança pode ter contato com a leitura, como o manuseando de livros e textos, mas de forma descompromissada, porém sabemos que esta pode contribuir para o interesse da criança pela leitura.

A escola é um ambiente favorável para a leitura, é nela que a leitura pode ser mais enfocada, pois a troca de assunto, de experiência é contínua, é neste local que se podem tirar dúvidas e interagir com os outros e com o seu mundo através de

diferentes formas como a leitura, o diálogo e entre outras formas. Nesse contexto, o sujeito se descobre como leitor, concentrando maior quantidade de experiência e aprofundamento sobre uma área de conhecimento.

Assim, a leitura, como toda aprendizagem escolar, tem seus objetivos, os quais ampliam a visão de mundo, insere o leitor no letramento, estimula novas leituras, permiti-nos a viver uma trajetória baseada na descoberta do conhecimento. Além, de permitir-nos a imaginar e a fantasiar, ensina a estudar, relaciona a oralidade com a escrita, torna o leitor cada vez mais ágil ao manuseio com os livros. A leitura aperfeiçoa a escrita de modo que este só se dá mediante uma boa execução da leitura.

Porém Silva (2014, p. 83) afirma que é “Quando entra na escola, o educando aprende a ler e ao professor fica a incumbência de apresentá-lo à leitura e ao gosto de ler”. E de acordo com a autora além da escola o professor é um dos principais incentivador da criança adquirir o prazer pela leitura na Educação Infantil, e levar este hábito ou prazer até a fase adulta.

Isto é, o professor não deve ser reativo buscando fazer as mesmas atividades, ele necessita ser proativo, ou seja, criativo que busque sempre inovar e adquirir sempre novos conhecimentos. Então desta forma entende-se que uma das práticas primordiais para o desenvolvimento das crianças é a leitura criativa, e este papel deve ser exercido pela escola, pois é a ela que é atribuída esta função de incentivar na criança o prazer pela leitura, pois é através dela que a criança se desenvolve intelectualmente, psicologicamente.

Como expõe Soares (2010) que a leitura é o exercício essencial para o desenvolvimento da cidadania, e como ressalta Carleti (2007) que a leitura é o meio mais eficaz para a aquisição de conhecimentos e na formação do cidadão crítico para se exercitar na sociedade atual.

E quando a escola e família trabalham em conjunto e estimulam na criança o ato de ler, pois se sabe que, a família é sem dúvidas, a principal peça nesta tarefa de incentivo à leitura. O sucesso da criança está diretamente ligado aos incentivadores que possui em casa. Não importam quantos existirem em outros ambientes, sem o apoio dos familiares, dificilmente esta irá galgar de uma plena experiência com os livros. Um dos grandes fatores que prejudicam a vida escolar das crianças é o fato de não receberem o devido incentivo e estímulo familiar.

Portanto, pode-se perceber que o incentivo familiar se dá de várias maneiras, o acompanhamento, ou mesmo contar histórias, mesmo historinhas curtas, mas que irão proporcionar um contato entre pais, filhos e leitura. Alguns pais podem não ter dimensão do quanto, mas sem dúvida trata-se de um estímulo simples, porém tão importante quanto a educação recebida em sala de aula.

2.3 BREVES CONSIDERAÇÕES ACERCA DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM NA PERSPECTIVA DA INTERAÇÃO SOCIAL

O estudo em análise traz como forma primeira de socialização da criança a linguagem, onde esta, em sua grande maioria, é efetuada inicialmente no seio familiar, na convivência com seus cuidadores (pais e/ ou responsáveis), é nesse convívio que os valores e aspectos culturais lhes são passados de modo verbal ou não.

A aquisição da linguagem se aprimora ao longo do desenvolvimento do indivíduo, onde passa a ser compreendida como um sistema de sinais de duas faces (significante e significado) que faz a parte introdutória do estudo da aquisição da linguagem. Com o passar do tempo os estudos sobre essa temática também passaram a incluir a abordagem da pragmática correlacionando a linguagem com o contexto da fala. De acordo com essa perspectiva, tanto os processos biológicos como as interações sociais influenciam na aquisição da linguagem pela criança.

Os estudos de Austin e Searle deram notoriedade a relação criança-adulto no processo de aquisição da linguagem, mas estes estudos foram criticados por outros pesquisadores ligados à teoria inatista que defende que a criança não pode aprender a linguagem a partir de fontes externas, em contrapartida os defensores da teoria da interação social defendem que o convívio das crianças, principalmente com as mães que desenvolvem uma linguagem específica para com seus bebês, estimulam o processo de aquisição linguística (BORGES; SALOMÃO, 2003).

Os estímulos à aquisição da linguagem (Input linguísticos), segundo os estudos, podem ser benéficos e estimular sua construção, mas também podem ser maléficos e atrapalharem o seu desenvolvimento. No entanto, a fala materna ou de quem desempenhe essa função na vida das crianças (fala Montherese) como bem aborda o escrito em estudo, tem um papel fundamental nesse processo, pois esta inicialmente é muito simples e contém muitos aspectos não verbais e ao passo que a compreensão da criança avança essa comunicação torna-se mais complexa, como na zona proximal, defendida por

Vygotsky e Bruner que concordam que a fala materna contribui para o desenvolvimento da habilidade linguística e cognitiva da criança. (BORGES; SALOMÃO, 2003, p. 329).

Importa ressaltar que o desenvolvimento da linguagem serve como paradigma de todo o problema examinado. A linguagem origina-se em primeiro lugar como meio de comunicação entre a criança e as pessoas que a rodeiam. Só depois, convertida em linguagem interna, se transforma em função mental interna que fornece os meios fundamentais ao pensamento da criança.

A característica essencial da aprendizagem é que engendra a área de desenvolvimento potencial, ou seja, que faz nascer, estimula e ativa na criança um grupo de processos internos de desenvolvimento dentro do âmbito das interrelações com outros, que na continuação são absorvidas pelo curso interior de desenvolvimento e se convertem em aquisições internas da criança.

Há pouco tempo atrás a realidade da educação era diferente, na atualidade as leis em vigência exigem que o educador na educação infantil deve ter uma formação superior, o qual entende-se que são avanços positivos, pois uma formação acadêmica, é fundamental para que esses profissionais saibam lidar com as crianças, sobretudo nessa faixa etária é de suma importância para o desenvolvimento da criança um professor que consiga atender as suas necessidades. Pois é necessário que o professor da educação infantil seja motivador, atencioso como também carinhoso e sensível, sendo que ele deve se preocupar com o bem-estar da criança.

Nesse sentido o professor deve estar atento as reações das crianças como ressalta Woolfolk (2000):

Os professores são a melhor fonte de ajuda para os alunos que enfrentam problemas emocionais ou interpessoais. Quando os alunos têm uma vida familiar caótica e imprevisível, eles precisam de uma estrutura firme e atenta na escola. Eles precisam de professores que estabeleçam limites claros, sejam consistentes, apliquem as regras firme, mas não punitivamente, respeitem os alunos e mostrem uma preocupação genuína com o seu bem-estar. Como professor, você pode estar disponível para conversar sobre problemas pessoais sem exigir que seus alunos o façam (WOOLFOLK, 2000, p. 47).

O professor deve ser um amigo da criança para que ela tenha confiança no educador, seja alguém preparado para estimular a criança, ou seja, o professor deve

ser influenciador para o desenvolvimento da criança, um profissional responsável, que cumpra com seus deveres.

Entende-se que o ato de ensinar a ler, tanto é papel da escola e do professor, pois são eles agentes de suma importância nesse processo, uma vez que está todos os dias lidando com as crianças na interação como também na troca de experiências:

Aprender a ler não é uma atividade natural, para a qual a criança se capacita sozinha. Entre livros e leitores há importantes mediadores. O mediador mais importante é o(a) professor(a) figura fundamental na história de cada um dos alunos. A leitura é ferramenta essencial para a prática de seu ofício, por isso precisa revelar-se um(a) leitor(a) dedicado(a) e uma forte referência para seus aprendizes. (BRASIL 2007, p. 26).

Isso não quer dizer que toda responsabilidade está no professor, ou seja, ele não é dono do saber e não é único sujeito transmissor dos conhecimentos para o aluno, porém são indivíduos importantíssimos no processo de ensino. Mesmo assim, cabe ao professor a responsabilidade de enfatizar a relevância da leitura, para às crianças. Mas para que isso aconteça é necessário que o professor mostre às crianças o gosto e o prazer que ele tem ao praticar o ato de ler, como afirma o documento do MEC (2007, p. 26):

Cabe ao professor o papel de desenvolver no aluno o gosto pela leitura a partir de sua aproximação significativa com os livros. Não há receitas a seguir: cada professor com sua história de leitura e as necessidades de seus alunos, tem condições de avaliar melhor o caminho a ser desbravado. No entanto, para que haja êxito na formação do leitor, precisamos efetivar uma leitura estimulante reflexiva, diversificada, crítica, ensinando os alunos a usarem a leitura para viverem melhor.

No entanto, percebe-se que para que o professor seja um bom influenciador da leitura é necessário que o mesmo seja praticante do ato, que ele demonstre ser um bom leitor para assim estimular, as crianças a desenvolverem o prazer pela leitura. Sendo que além de ser um incentivador, ele deve ser alguém que ame as crianças, ou seja, que tenha uma grande afetividade pelas crianças.

Pois, sabe-se que a afetividade é de suma importância na educação infantil. No Dicionário Aurélio (1994, p. 80), a palavra afetividade está definida da seguinte forma: “Psicol: Conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou

prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza.” Esta constitui um papel de grande relevância nas relações básicas de uma pessoa, além de corroborar na percepção, na memória, desta forma concebe-se que é por meio desta que a personalidade de uma criança é construída.

Desta forma, a afetividade é de suma importância no processo de desenvolvimento da personalidade do ser humano, sendo esta construída a partir do contato da criança com o outro, pois assim como a inteligência ela é construída ao longo da vida podendo se modificar de um período a outro. Deste modo, infere-se que “a afetividade não é limitada apenas a emoções e aos sentimentos, mas engloba também as tendências e a vontade.” (Piaget; Arantes, 2003, p. 57), ou seja, o ser humano é formado e transformado a partir da interação com o outro e com o mundo que o rodeia de modo afetivo.

Um ambiente seguro cercado de afeto e estímulos sonoros propicia à criança desde sua gestação múltiplas inteligências, onde a oralidade e a escuta tornam-se mais significativas e de aprendizagem mais facilitada devido a interação social. Pois de acordo com Wallon (2007) essas influências afetivas têm sobre a criança uma ação determinante em sua evolução.

Como ainda afirma Boing e Crepaldi (apud. OLIVEIRA; RUIZ, 2005, p.7): “O desenvolvimento da aprendizagem e da consciência de um bebê, depende dos sentimentos maternos, que são passados, pois eles criam um clima emocional que transmite ao bebê muitas experiências vitais”. Ou seja, a relação amorosa e contínua entre mãe e filho desenvolve um papel importante para a saúde mental de uma criança, bem como na construção de sua personalidade.

No entanto percebe-se que os conhecimentos iniciais aprendem com a família, mas os seguintes são adquiridos na sociedade e na escola. Então sendo assim os professores da educação infantil devem estar preparados afetivamente para receber as crianças.

É como afirma Almeida (1999, p.91), “[...] é preciso que o professor esteja muito atento aos movimentos das crianças, pois estes podem ser indicadores de estados emocionais que devem ser levados em conta no contexto de sala de aula.” Ou seja, tanto os professores como a escola em si devem estar ativos para entender as necessidades dos alunos adaptando-a, para que as crianças se sintam acolhidas no ambiente escolar.

Então para que a criança se sinta segura no ambiente escolar é necessário professores capacitados que se mantenham sempre serenos com paciência nos momentos de dificuldades da criança. É preciso que o professor transmita segurança e ânimo para as crianças, como afirma Lima (1994, p.45):

Evitar transmitir desânimo e cansaço para as crianças. E quando percebem este tipo de sentimento, tente mostrar que a questão não é com elas. Na verdade, as condições gerais externas à criança é que são realmente causa de desânimo e cansaço.

No entanto, entende-se que no contato com a criança é necessário manifestar-se afetividade, pois é assim que o professor conhece o educando, percebe se ele está bem, ou está com algum problema, construindo assim espaço de intimidade com o mesmo e, além disso, o docente deve compreender que nenhuma criança é igual à outra. Todo indivíduo tem o seu desenvolvimento próprio. A afetividade é estimulada através da vivência, na qual o professor estabelece um elo de afeto com o educando. A criança necessita de estabilidade emocional para desenvolver a aprendizagem

Por fim, insta salientar que o processo de desenvolvimento não coincide com o da aprendizagem, o processo de desenvolvimento segue o da aprendizagem, que cria a área de desenvolvimento potencial.

Em suma, para os adeptos à teoria da Interação social, as experiências de convívio social desde a primeira infância têm grande influência no processo de aquisição da fala por meio dos estímulos que esses desempenham sem que estes sejam dissociados das características individuais de cada um, pois existe grande variabilidade de indivíduo para indivíduo e de família para família e o modo como se relacionam entre si.

2.4 O BRINCAR COMO FATOR INDISPENSÁVEL PARA O DESENVOLVIMENTO DA APROPRIAÇÃO DA FALA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O brincar é uma ferramenta metodológica que leva a uma atividade de confronto intelectual, sendo possibilitado às crianças a construção de diversos saberes combinando elementos variados, provenientes tanto da sua vida no contexto escolar como também extraescolar.

Como visto, a abordagem histórico-cultural elucidada por Vigotski (2007) apresenta o brincar como uma ferramenta na satisfação de necessidades com a realização de anseio que imediatamente não poderiam ser satisfeitos. Essa vertente teórica enfatiza que as crianças mais novas utilizam explicitamente o imaginário e as regras ficam mais ocultas nas brincadeiras, no entanto com o passar do tempo as regras se sobressaem aos imaginários sem que este deixe de existir.

Desde o seu nascimento a criança está inserida em um determinado contexto social o que dá à brincadeira grande relevância na significação e internalização dos conceitos desse meio externo a ela.

O brincar para Brougère (2002) não se dissocia das influências da sociedade, pois é uma atividade dotada de significado social. A criança para o autor, é um ser social e que aprende a brincar, ou seja, a brincadeira enseja uma aprendizagem social.

Conforme Brougère (2002), a criança não brinca numa ilha deserta. Ela brinca com as substâncias materiais e imateriais que lhe são propostas, ela brinca com o que tem na mão e com o que tem na cabeça.

Existe uma grande dificuldade em se caracterizar o brincar, pois este tem a subjetividade como uma de suas principais características, no entanto, podemos inferir que é um ato social e livre, visto que, não é possível impor ao outro entrar na brincadeira, tem regras e uma situação imaginária. A infância é a fase em que esta predomina e é por intermédio dela que as crianças iniciam seu aprendizado.

O estudo do brincar enquanto fenômeno nos remete a grande relevância dessa atividade para o desenvolvimento e aprendizagem integrais das crianças, em especial da aquisição da oralidade. Devendo, portanto, ser analisado nas instituições de educação infantil, local onde estas passam grande parte do dia.

Vigotski (2007), apresenta a brincadeira (brinquedo) como um fator de suma relevância para a aquisição de saberes de uma criança, sendo essa futuramente sua base de ação real e moralidade. Na brincadeira a criança passa a atuar não apenas pela percepção imediata dos objetos, mas começa a direcionar suas ações de forma independente daquilo que ela enxerga, ou seja, forma-se uma nova relação entre o que a criança vê, sua percepção visual, o que pensa, e o significado que aquela ação e aquele objeto têm para ela naquele instante. Por exemplo: um lençol pode deixar de

ser simplesmente um lençol e passar a ser uma capa mágica. Assim, aprendizagem proveniente da brincadeira vem da experimentação que a atividade propicia.

Quando se trata do universo da Educação Infantil, o lúdico merece ainda mais importância, principalmente quando se tem a ideia de que a criança pode sentir prazer e, ao mesmo tempo, obter conhecimentos. De acordo com Kraemer (2007) com o passar do tempo e a institucionalização do ensino, as atividades lúdicas passaram a ter uma variante chamada de atividade lúdica educativa que começou a ser usada em sala de aula para auxiliar a desenvolver os conteúdos do currículo escolar de modo que a aprendizagem ganha uma significação e passa a ser algo natural e não imposto à criança, que por sua vez desenvolve suas múltiplas habilidades dentro do contexto social em que está imersa transformando e sendo transformada por essa ação dialética de troca de saberes que é realizada dentro das brincadeiras.

O direito de brincar está proposto pelo ECA (Estatuto da Criança e do adolescente), Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990, ao regulamentar o art. 227 da Constituição Federal, garantindo à criança seus direitos como sujeito que necessita de condições e direitos peculiares. O ECA, em seu livro I, Parte Geral, égide I, em relação às disposições preliminares no art. 4º que faz relação com o brincar, mais especificamente no título II, que trata dos direitos fundamentais, o artigo 16 do capítulo II estabelece o direito de brincar como: O direito à liberdade que compreende os seguintes aspectos: IV – brincar, praticar esportes e divertir-se. O brincar está legalmente instituído como um direito para todas as crianças. No entanto não basta está apenas disposto em um documento se não for posto efetivamente em prática.

De acordo com o RCNEI (1998, p. 17), as instituições devem “assumir as especificidades da educação infantil e rever concepções sobre a infância, as relações entre classes sociais, as responsabilidades da sociedade e o papel do Estado diante das crianças pequenas”. Visa ainda “promover a integração entre os aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivos e sociais da criança, considerando que esta é um ser completo e indivisível, as divergências estão exatamente no que se entende sobre o que seja trabalhar com cada um desses aspectos”.

“Nas brincadeiras, as crianças transformam os conhecimentos que já possuíam anteriormente em conceitos gerais com os quais brincam” (RCNEI, 1998, p.27). Nesses momentos a criança tem suas capacidades estimuladas, em especial a

comunicação, muitas vezes sem que haja sua própria percepção, o que torna ainda mais significativo as brincadeiras e a própria aprendizagem.

Crianças pequenas experimentam desejos impossíveis de serem realizados imediatamente e, para resolver essa tensão, a criança envolve-se num mundo de imaginação. (MINISTRINA, 2006).

Nesse sentido, a criança tem um desenvolvimento psicológico e cultural que se refere ao psíquico. Isso significa que a criança se constitui como um indivíduo de personalidade própria e como integrante de um grupo. Do ponto de vista filosófico o brincar é abordado como um mecanismo para contrapor a racionalidade.

Quando se refere ao psicológico, o brincar permeia todo o desenvolvimento infantil. Este também é analisado do ponto de vista sociológico, e é visto como uma maneira de inserir as crianças no meio social pois, brincando, a criança incorpora os hábitos culturais, assim como as crenças, costumes, regras e valores do meio em que vive. Quanto ao aspecto pedagógico, tem se apresentado como uma ferramenta metodológica de suma relevância para o desenvolvimento das habilidades das crianças. (FALCÃO, 2002).

As atividades lúdicas fazem com que as crianças aprendam de forma prazerosa e com significado indo de encontro a concepção de que o lúdico é apenas para ser passatempo e diversão, sem qualquer viés educativo. A ludicidade está enraizada na criança e suas vivências desde a mais tenra idade. Porém não se pode também conceber essa prática como uma única forma transicional, em direção a algum conhecimento. Mas deve ser analisado como prática mediadora na construção deste. O brincar se torna cada vez mais importante nesta construção oportunizando prazer enquanto incorpora as informações e transforma as situações da vida real (FALCÃO, 2002).

A criança, por meio da brincadeira reproduz o discurso externo e o internaliza, construindo seu próprio pensamento. A linguagem, segundo Vygotsky (1984), tem importante papel no desenvolvimento cognitivo da criança à medida que sistematiza suas experiências e ainda colabora na organização dos processos em andamento.

De acordo com Vygotsky (1984, p. 97),

A brincadeira cria para as crianças uma “zona de desenvolvimento proximal” que não é outra coisa senão a distância entre o nível atual de desenvolvimento determinado pela capacidade de resolver independentemente um problema, e o nível atual de desenvolvimento

potencial determinada através da resolução de um problema sob a orientação de um adulto ou com a colaboração de um companheiro mais capaz.

Por meio das atividades lúdicas, a criança reproduz muitas situações vividas em seu cotidiano, as quais, pela imaginação e pelo faz-de-conta, são reelaboradas e tem seus sentimentos externalizados por meio da fala ou expressão corporal. Esta representação do cotidiano se dá por meio da combinação entre experiências passadas e novas possibilidades de interpretação e reprodução do real, de acordo com suas afeições, necessidades, desejos e paixões. Estas situações são fundamentais para a atividade criadora do homem.

Tanto para Vigotsky (1984) como Piaget (1975), o desenvolvimento não é linear, mas evolutivo e, nesse trajeto, a imaginação se desenvolve. Uma vez que a criança brinca e desenvolve a capacidade para determinado tipo de conhecimento, ela dificilmente perde esta capacidade. É com a formação de conceitos que se dá a verdadeira aprendizagem e é no brincar que está um dos maiores espaços para a formação de conceitos.

Negrine (1994, p.19) sustenta que,

As contribuições das atividades lúdicas no desenvolvimento integral indicam que elas contribuem poderosamente no desenvolvimento global da criança e que todas as dimensões estão intrinsecamente vinculadas: a inteligência, a afetividade, a motricidade e a sociabilidade são inseparáveis, sendo a afetividade a que contribui para a energia necessária para a progressão psíquica, moral, intelectual e motriz da criança.

Com base na afirmação, é possível perceber que, o brincar é sinônimo de aprender, pois o brincar e o jogar criam um espaço para pensar, onde a criança avança no raciocínio, constrói o pensamento, estabelece contatos sociais, compreende o meio, satisfaz desejos, desenvolve habilidades, conhecimentos e criatividade. As interações que o brincar e o jogo oportunizam favorecem a superação do egocentrismo, e trabalham de forma efetiva a solidariedade e a empatia, e introduzem, um novo significado para a posse e o consumo com a partilha de jogos e brinquedos.

Contudo, as brincadeiras e atividades lúdicas devem estar presentes no cotidiano das crianças da educação infantil, pois são meios que contribuem na construção da personalidade, e conseqüentemente na formação de cidadãos para que

assim estes se tornem crianças mais afáveis e que venham a se relacionar bem dentro de uma sociedade contemporânea.

A aquisição da fala, bem como sua apropriação mediante experiências vivenciadas de forma lúdica contribuem para o processo de aprendizagem assim como para a formação sociocultural e individual da criança. De acordo com os escritos de Marcellino (1991), as práticas vividas nas atividades lúdicas são indispensáveis neste processo onde deve ser assegurado o tempo e espaço adequados a estas.

O enaltecimento do brincar contribui de modo interdisciplinar e significativo no processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança, colocando em destaque suas habilidades e capacidades bem como sua autonomia dentro das instituições educativas.

As brincadeiras e jogos são essenciais para a vida de uma criança, justamente por ter-se o entendimento de que o desenvolvimento e as múltiplas inteligências humanas passam por variados processos de assimilação e adaptação. Conforme Araújo (2004, p.33) “no jogo, a criança realiza um esforço espontâneo e natural, mobilizando os esquemas mentais integrando as várias dimensões da personalidade das crianças, o afetivo, o motor e o cognitivo”. Piaget (1998) afirma que o homem modifica o ambiente como também é modificado pelo ambiente. O desenvolvimento do ser humano se dá na relação com o outro, ou seja, na ausência do outro o homem não se constrói sozinho. Essa é uma relação lógica entre o sujeito e a sociedade ao seu redor.

O desenvolvimento humano passa por um processo contínuo entre as ações do sujeito sob o meio ambiente, passando por várias etapas: sensória motora; pré-operatória; operatório concreto e a operatório formal. Piaget (1998, p. 35)

Há o entendimento de que o uso da atividade lúdica é um instrumento pedagógico indispensável na educação escolar, pois é através de brincadeiras que a criança desenvolve a habilidade de entender atitudes de cooperação e descobre através de recursos as suas capacidades.

A ludicidade é portadora de um interesse intrínseco. É considerada prazerosa devido a sua capacidade de absorver o indivíduo de forma intensa e total, gerando nele um clima de entusiasmo. O lúdico é tido como prazeroso devido sua capacidade

de envolver o sujeito emocionalmente, sendo considerada uma atividade com forte teor motivacional que tem o poder de criar um estado de vibração e euforia.

O indivíduo canaliza as energias em um esforço total para a consecução de seu objetivo. Por este motivo, estas atividades são tidas como excitantes.

(...) As situações lúdicas mobilizam esquemas mentais. Sendo uma atividade física e mental, a ludicidade aciona e ativa as funções psico-neurológicas e as operações mentais, estimulando o pensamento. (...) As atividades lúdicas integram as várias dimensões da personalidade: afetiva, motora e cognitiva. (TEIXEIRA, 1995, p. 23).

Para que haja qualidade de vida na infância o brincar, dentre outras coisas, possui extrema relevância. É por esse motivo que no estágio da educação infantil o brincar deve ser desenvolvido e incentivado pois, a criança pode, através dele, desenvolver comportamentos individuais e coletivos.

Conforme afirma Lopes (2006, p.110)

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde, representar determinado papel na brincadeira, faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras, as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a interação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação, da utilização e da experimentação de regras e papéis sociais.

Considera-se que a inclusão do lúdico no cotidiano das instituições de educação infantil e conseqüentemente nas atividades em sala de aula é uma forma fascinante de perpassar o mundo da criança e ensinar-lhe sobre o universo adulto. Dessa forma, eles interagem com os conhecimentos e as formas de interação pessoais.

Nota-se a importância das atividades lúdicas no cotidiano escolar, e sua relevância tanto para o ensino como para a aprendizagem, tendo em vista que é muito importante para o desenvolvimento sensório motor e cognitivo da criança. A ludicidade tem como premissa tornar-se uma maneira inconsciente de se aprender, de forma prazerosa e dinâmica.

Sabe-se que através das brincadeiras infantis é possível expressar o que afirma Garcia (2000, p.12) “(...) musicalizar a vida, poetizar a vida, sentir o cheiro da vida, saborear a vida, cantar e dançar a vida”, sob o foco dos impulsos criadores, do prazer e, sobretudo do aprender, em qualquer faixa etária.

Diante do exposto pode-se dizer que a brincadeira é então, uma atividade sociocultural, que dá origem aos valores e hábitos de um determinado grupo social, onde as crianças têm a liberdade de escolher com o quê e como elas querem brincar. Para brincar as crianças utilizam-se da imitação de situações conhecidas, de processos imaginativos e da estruturação de regras; sendo assim um espaço de aprendizagem significativa para a criança.

É através do lúdico que a criança vivencia seu próprio corpo, se relaciona com o outro e o mundo ao seu redor. Sendo assim, a utilização do lúdico nas instituições de educação infantil caracteriza-se como um recurso pedagógico riquíssimo na busca da valorização do movimento e das interações sociais.

Portanto, é por intermédio do lúdico, que a criança encontra o equilíbrio entre o real e o imaginário. Viabilizando a comunicação e o desenvolvimento de maneira prazerosa, pois brincar é um ato criador, que deve ser melhor aplicado no contexto de sala de aula, em especial nas salas de educação infantil.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo foi desenvolvido através de uma pesquisa bibliográfica, para a realização desta pesquisa, optou-se por desenvolver um trabalho de natureza qualitativa, sendo realizado com base em um levantamento bibliográfico buscando a complexibilidade da linguagem e a apropriação da fala por meio do brincar na educação infantil. O estudo se apresenta como um estudo descritivo e cuja análise se apoia em autores que defendem os argumentos sobre a leitura como um recurso didático, pedagógico e formativo, e a ludicidade no processo de aprendizagem das crianças.

O procedimento da pesquisa é considerado de relevante importância para se obter um melhor desenvolvimento da pesquisa. Sendo assim, a pesquisa contribuiu para um conhecimento mais amplo e mais profundo de conceitos que colaboraram no entendimento da temática,

O estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica realizada em livros, bases de dados: Periódicos CAPES, SciELO, e Google Acadêmico. Mediante tal fato, a construção deste trabalho efetivou-se a partir da necessidade de levarmos ao conhecimento da sociedade a importância das brincadeiras e jogos para o desenvolvimento integral da criança e em especial, a aquisição e apropriação da fala.

A referida pesquisa foi realizada com o auxílio de algumas bibliografias como: Brougère (2002), Falcão (2002), Foucambert (1994), Piaget (1975), dentre outros, utilizando alguns métodos de incentivo, como instrumento de investigação com o intuito de buscar uma melhor compreensão da prática estudada.

A proposta apresentada foi desenvolvida através de uma pesquisa bibliográfica tendo como abordagem “a apropriação da fala por meio do brincar na educação infantil”. A intenção dessa pesquisa bibliográfica foi investigar como o brincar praticado na educação infantil contribui no desenvolvimento e apropriação da oralidade, escuta e interpretação do contexto no qual está inserida a inicialização do processo de leitura e letramento.

Este estudo descritivo com abordagem qualitativa, realizado através de levantamento bibliográfico, se norteou em relação às possíveis soluções para problemas atuais e alguns desafios que os professores vêm vivenciando com as dificuldades de inserir o brincar como um fator positivo para o desenvolvimento da fala

por meio de brincadeiras orientadas, buscando assim, inovações que proporcionem compreensão em torno do tema a ser estudado, analisando suas contribuições em relação ao desenvolvimento.

Nessa pesquisa procurou-se evidenciar que o lúdico é uma ferramenta importante na Educação Infantil, sendo um recurso didático dinâmico que garante resultados eficazes na educação, e requer um planejamento e cuidado na execução da atividade elaborada. É através do lúdico que o educador pode desenvolver atividades que sejam divertidas e que, sobretudo ensine as crianças a discernirem valores éticos e morais, formando cidadãos conscientes dos seus deveres e de suas responsabilidades, além de proporcionar situações que haja uma interação maior entre professores e alunos, em uma aula dinâmica e criativa.

Então, partindo deste pressuposto deu-se o interesse de se aprofundar nesta pesquisa, na qual, de início, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, onde foram utilizados textos e livros de autores renomados como Paulo Freire e Danielle Brito, Piaget, Wallon, dentre outros que abordam temas relevantes quanto ao processo de ensino-aprendizagem, aquisição e apropriação da fala, e ludicidade. Além da seleção das fontes (sites) na internet, que relatam estatísticas referentes à leitura. Outros fatores importantíssimos foram minha vivência quanto docente da educação infantil há 12 anos e os estágios supervisionados na educação infantil, pois pude avaliar e repensar minhas práticas e (re)descobrir em sala de referência por meio da observação/ atuação, sempre pautada na dialética entre teoria e prática que por mais que os docentes se esforcem ainda há a necessidade de uma formação profissional inicial e continuada voltada para a educação integral da criança, onde o papel do professor ganha um novo viés, outrora de detentor e transmissor de conhecimento e atualmente de mediador da construção deste, sendo assim estas foram as fontes de pesquisa para o estudo deste trabalho.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO

Através deste estudo, buscou-se por meio da pesquisa analisar a importância do brincar para um bom desenvolvimento da fala durante o processo educativo na educação infantil. Ficando evidenciado que, através das leituras, no que diz respeito às possibilidades das várias formas como ela se desenvolve, pode-se observar que, o método da ludicidade desenvolvida na construção do conhecimento durante o desenvolvimento infantil, relacionada a questão da interação e socialização é essencial na fase da infância. Assim é de suma importância o conhecimento de metodologias que venham garantir uma aprendizagem mais significativa e prazerosa para as crianças desde a educação infantil.

Ao analisar esse trabalho foi constatado o quanto foi envolvente a pesquisa. A escolha do tema deu-se em função de como o lúdico pode influenciar na apropriação da fala das crianças através de brincadeiras. De forma que esta análise dos dados tem como objetivo delimitar a importância das práticas lúdicas dentro do ambiente institucional da educação infantil e suas contribuições na aquisição e apropriação da oralidade da criança, para o desenvolvimento psicológico, social e cognitivo das crianças.

No primeiro tópico faz-se um apanhado histórico das concepções de criança, infância e educação infantil no Brasil e como esse processo histórico vem sendo construído ao longo do tempo. Dando ênfase ao processo de desenvolvimento da criança, como afirma Antunes (2004, p. 9) a mesma “precisa desenvolver-se plenamente nos aspectos físico, psicológico, intelectual e social, por meio de uma educação bem estruturada que atenda às necessidades da criança”, mas essa importância não foi sempre considerada ou exercida, pois durante muitos anos a criança não era vista como um ser integral, capaz de ser protagonista em seu processo de ensino-aprendizagem, mas como alguém que necessitava apenas de cuidados, o que dissociou durante um longo período o cuidar do educar.

Pode-se observar, também, com Tiriba (2005) que os profissionais da Educação Infantil precisam estar preparados para captar as necessidades das crianças, através das reações e iniciativas, e assim produzir atividades que contribuam para o desenvolvimento pleno das crianças e seja efetivado o direito a

uma educação de qualidade respeitando os direitos de aprendizagem que lhes é assegurado.

O segundo tópico descreve breves considerações acerca da aquisição da linguagem a partir da teoria histórico-cultural, que colabora com a análise sobre os aspectos que permeiam a aquisição e apropriação da fala por meio de práticas de interação social, onde o lúdico é uma ferramenta de fundamental relevância neste estudo sendo possível constatar conforme Lima (2001), que a linguagem é uma necessidade pessoal e social, além disso a estruturação da linguagem interna e escrita alcançada pela criança é embasada pela apresentação e prática da linguagem oral, visto que somos seres sociais e a comunicação é responsável por essa sociabilidade e externalização do pensamento.

Vigotski, Luria e Leontiev (2014) também argumenta que o homem é um ser social que é transformado por intermédio das interações que estabelece com o outro, o que o torna humano. Desta forma, o desenvolvimento e a aprendizagem estão intrinsicamente correlacionados desde o nascimento da criança. Isso é efetuado pela dinâmica das relações sociais em dois momentos interrelacionados: primeiramente em uma dinâmica interpessoal, em seguida uma intrapessoal.

No terceiro tópico argumenta fazendo breves considerações acerca da aquisição da linguagem na perspectiva da interação social, onde Almeida (1999, p. 91) vai afirmar que “[...] é preciso que o professor esteja muito atento aos movimentos das crianças, pois estes podem ser indicadores de estados emocionais que devem ser levados em conta no contexto de sala de aula.”

Como ainda afirma Boing e Crepaldi (apud. RUIZ; OLIVEIRA, 2005, p.7): “O desenvolvimento da aprendizagem e da consciência de um bebê, depende dos sentimentos maternos, que são passados, pois eles criam um clima emocional que transmite ao bebê muitas experiências vitais”.

O último tópico descreve sobre o brincar como fator indispensável para o desenvolvimento da aprendizagem. São reconhecidas as contribuições das atividades lúdicas no desenvolvimento integral da criança. Estão intrinsicamente vinculadas e são consideradas como indissociáveis a inteligência, a afetividade, a motricidade e a sociabilidade. Onde a fala externaliza o pensamento da criança e esta é adquirida em meio ao convívio social sendo estimulada por meio das brincadeiras e jogos como o faz de conta que instiga a escuta, a imaginação e o pensamento da criança.

Por esta razão é indispensável que a criança tenha assegurado o seu direito de vivenciar a atividade lúdica com intensidade, formando nela uma base sólida de criatividade e da formação cultural crítica, bem como de sua personalidade.

Contudo ao observar este trabalho pude constatar que a prática de leitura e o brincar, devem ser sempre trabalhados na escola, mais ainda precisa melhorar, e este é um dos grandes desafios para os professores, sendo que a escola como gestão deve ter esta função de incentivar o hábito de ler, como também a família em si, deve contribuir para que as crianças tenham o prazer pela leitura nos seus primeiros anos de vida, tenha o prazer de imaginar, de se formar um cidadão consciente. Pois a leitura colabora no desenvolvimento do pensamento cultural como também na personalidade da criança, e então cabe a escola contribuir com o desenvolvimento da criança e o hábito pela leitura, pois ela é a arte de preparar a criança em todos os aspectos, em especial ao exercício de cidadania.

Perante esta pesquisa procurou-se evidenciar que o lúdico é uma ferramenta importante na Educação Infantil, ele é um recurso didático dinâmico que garante resultados eficazes na educação, requer um planejamento e cuidado na execução da atividade elaborada, pois é através do lúdico que o educador pode desenvolver atividades que sejam divertidas e que, sobretudo ensine as crianças a discernir valores éticos e morais, formando cidadãos conscientes dos seus deveres e de suas responsabilidades, além de proporcionar situações que haja uma interação maior entre professores e alunos, em uma aula diferente e criativa, sem ser rotineira.

Portanto, ficou evidente que para a elaboração deste trabalho que os referentes teóricos contribuíssem nos aspectos relevantes acerca da temática, pois compreender e conhecer o jeito particular de cada criança é o grande desafio da educação e de seus profissionais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso estudo aponta que ao longo da prática docente, as atividades pedagógicas desenvolvidas através do brincar apresentam uma contribuição de grande relevância para o processo ensino–aprendizagem, pois favorecem a construção das habilidades de codificação linguística acentuando o interesse pela leitura e escrita da criança ajudando a diminuir, assim, o problema do fracasso e, conseqüentemente, do déficit da aprendizagem desde os anos iniciais, da educação infantil. Além disso, ainda que as atividades lúdicas sejam realizadas como instrumento pedagógico durante as aulas, à grande maioria das aulas têm como objetivo a mera transmissão de conhecimento, com propostas de aulas metalinguísticas, que não colaboram para uma construção motivadora e significativa do processo cognitivo dos alunos.

Assim sendo, ao abordarmos a temática da apropriação da fala na educação infantil, faz-se mister enfatizar que a interrelação entre linguagem e pensamento dada pela palavra falada outrora imitada, torna-se base significativa no eixo do pensamento, ou seja, a linguagem oral é um instrumento que condiciona o desenvolvimento da criança. E que o estudo do brincar enquanto fenômeno nos remete a grande relevância dessa atividade para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, e, por conseqüência, para as instituições de educação infantil, local onde estas passam grande parte do dia.

A partir da análise realizada, foi possível entender a importância da leitura em todas as faixas etárias em especial na Educação Infantil, como instrumento que instiga a escuta, fala, pensamento e imaginação, bem como a construção de seu vocabulário e uma formação leitora, pois a criança é inserida no mundo da leitura desde cedo. Logo, ela tem mais desenvoltura, por isso que esta prática deve ser iniciada em casa, pois é no decorrer do tempo que ela vai conseguir este hábito, porém sabe-se que poucos responsáveis se dedicam a estimular seus filhos a leitura. É na infância que o indivíduo começa a formar sua personalidade, sendo que com estas dificuldades às vezes acaba ficando a responsabilidade para a escola e os professores, e quando isto acontece os professores tem que desempenhar este papel tão importante, estimulador do ato de ler.

A Educação Infantil é à base da formação dos futuros cidadãos. Assim, ao mostrarmos a importância da apropriação da fala por meio de atividades orientadas e planejadas e como esta depende das nossas ações, sendo possível constatar a importância do brincar no estímulo da fala desde o nascimento da criança vindo a contribuir de forma significativa para a aquisição e o aumento do seu vocabulário.

Na pesquisa foi possível compreender que o trabalho de leitura necessita ser fortalecido desde a educação infantil, com técnicas diferenciadas que sejam capazes de estimular nas crianças o prazer pela leitura, e desta forma contribuímos para a formação de uma sociedade realmente letrada, com cidadãos que entendam os seus direitos e deveres, e saibam se posicionar criticamente.

Através deste estudo foi possível compreender a importância que o jogo representa em relação ao desenvolvimento individual da criança, físico, sensorial e intelectual e a extrema relevância para o crescimento integral. Com efeito, o lúdico no contexto da formação do professor que atua com crianças pequenas, representa uma grande mudança em sua atuação em sala de aula. Onde ele será o mediador para a construção do conhecimento, transformando sua sala de aula em um ambiente acolhedor e dinâmico, onde ele tem a capacidade de conectar o indivíduo com sua cultura e meio social.

A pesquisa respondeu a todas as expectativas, oportunizando afirmar que a apropriação da fala por meio do brincar pode ser realizada na Educação Infantil, sem dificuldades e que as crianças são capazes de aprender e levar o aprendizado para fora dos muros da escola.

Enfim, frente às características específicas da educação infantil, considera-se que o brincar pode estar sempre inserido nesta fase tão importante do ensino. Pode-se demonstrar que a temática da apropriação da fala na fase inicial da educação das crianças, devem ser discutidas e desenvolvidas de uma mesma forma em todos os níveis do ensino formal, devendo considerar as características diferenciadas de cada fase, como os recursos didáticos e procedimentos pedagógicos comumente utilizados, a fim de constituir-se em um trabalho coerente e bem-sucedido.

Percebe-se que são muitas as maneiras de se trabalhar o desenvolvimento da fala nas instituições de educação infantil, sem que esta necessite ser de maneira formal, rígida, com cobranças de alfabetização, mas no cotidiano da sala de aula, em

rodas de conversa, aproveitando que as crianças são facilmente seduzidas pelo meio que as cerca.

Portanto, ao finalizar o estudo dessa pesquisa, ficou evidente que a escola, infelizmente, ainda não inclui em seu planejamento a ludicidade, deixando a critério de o professor optar por trabalhar ou não essa temática. E os professores em sua grande maioria, por não terem uma formação voltada à essas metodologias e não serem ofertadas formações continuadas que de fato venham a trabalhar a ludicidade em sala de aula de forma prática e não apenas teórica, optam pela metodologia tradicional. Muitos professores e gestores ainda não têm consciência da importância da ludicidade, associando-a apenas pelo brincar por brincar sem nenhum resultado positivo, diante disso, é de competência dos gestores e professores enxergarem no brincar o caminho natural, espontâneo e prazeroso para o desenvolvimento humano integral.

REFERÊNCIAS

AUSTIN, John Langshaw. **How to do Things with words**. New York: Oxford University Press, 1965

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **Emoção na sala de aula**. Campinas, SP: Papirus, 1999.

ANTUNES, Celso. **Educação infantil**: prioridade imprescindível. Petrópolis: Vozes, 2004.

ARIES, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro. LTC, 1978.

ARAUJO, Sonia. **O Jogo na Educação Infantil**. Rio de Janeiro 2004, p. 33. Disponível em <<http://www.avm.edu.br/monopdf/6/SONIA%20ARAUJO.pdf>>. Acessado em 08 fevereiro, 2021.

ARANTES, Valéria Amorim (Org.). **Afetividade na Escola: Alternativas Teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 2003.

BARRETO, Ângela Maria Rabelo Ferreira. Situação atual da educação infantil no Brasil. In: BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Subsídios para o credenciamento e funcionamento de instituições de educação infantil**, v. 2. Coordenação Geral de educação infantil. Brasília: MEC/SEF/COEDI, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil (1988)**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 24 janeiro, 2021.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 1996.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012. **Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos**. Brasília, Diário Oficial da União. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular, 2018**. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase>>. Acesso em: 24 janeiro, 2021.

BRASIL. Secretaria de educação Básica. **Pró-Letramento: Programa de Formação Continuada de Professores dos anos/Séries Iniciais do Ensino**

Fundamental: Alfabetização e Linguagem. Ed. Revista e ampliada incluindo SAEB/PROVA BRASIL. Brasília: MEC, 2007.

BRASIL. Decreto. ECA. **Estatuto da Criança e do Adolescente:** Lei nº8069, de 13/07/90. Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, Niterói, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. CNE/CEB. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Brasília, 1999.

BRASIL. Lei 10.172, de 9 de janeiro de 2001. Aprova o **Plano Nacional de Educação** e dá outras providências. *Diário Oficial da União*. Brasília, DF, 10 jan. 2001.

BRASIL. Lei Federal 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o **Plano Nacional de Educação - PNE** e dá outras providências. Brasília, DF, 25. jun. 2014. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm>. Acesso em: 17/02/2021.

BOING, Elisangela., CREPALDI, Maria Aparecida. (2009). A epistemologia sistêmica na atuação do psicólogo na atenção básica à saúde. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 29(4), 828-845.

BORGES, Lucivanda Cavalcante; SALOMÃO, Nádia Maria Ribeiro. Aquisição da linguagem: considerações da perspectiva da interação social. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 16, n. 2, p. 327-336, 2003.

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. In T.M. Kishimoto. (Org.), **O brincar e suas teorias**, (pp. 19-32). São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

CARLETI, Rosilene Callegari. **A leitura: um desafio atual na busca de uma educação globalizada.** ES, 2007; Disponível em <<http://www.univen.edu.br/revista>>. Acesso em: 24 fevereiro, 2021.

DICIONÁRIO AURÉLIO. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa.** Editora Nova Fronteira. 1 cd-rom. 1994.

EIBEL, Maria Irene Reginatto. **A importância da Educação Infantil no contexto educacional e social.** Disponível em: <http://fungab.org/coman_net/artigo>. Acesso em: março de 2021.

FALCÃO, Ana Patrícia Bezerra; RAMOS, Rafaela de Oliveira. **A importância do brincar e do ato de: Brincar para o desenvolvimento psicológico de crianças de 5 a 6 anos.** Belém, 2002.

FARIAS, Ana Lúcia Goulart. **Educação pré-escolar e cultura: para uma pedagogia da Educação Infantil.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, São Paulo: Cortez, 1999. (Coleção Teses)

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio Escolar Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa**. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2003.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artmed, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

GARCIA, Regina (Org). **Múltiplas linguagens na vida- Por que não múltiplas I linguagens na escola?** Rio de Janeiro DP&A, p. 7-16, 2000.

GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. **Linguagem oral na Educação Infantil Indígena: a produção de gênero textual oral valorizada por uma prática reflexiva**. Vitória, UFES, 2007.

IDEB. **Índice de desenvolvimento da Educação Básica**, 2005-2007. Dados disponíveis em <http://ideb.inep.gov.br/Site/>. Acesso em abril de 2021.

KRAEMER, Maria Luiza. **Quando brincar é aprender**. Edições Loyola, 2007.

KLEBIS, Carlos Eduardo de Oliveira. **Leitura e Envolvimento: A Escola, a Biblioteca e o Professor na Construção das relações entre leitores e Livros**. Campinas, Universidade Estadual de Campinas – FE/UNICAMP – Faculdade de Educação, 2006. (Dissertação de Mestrado).

LIMA, Adriana Flávia dos Santos de Oliveira. **Re-conceitualizando o papel do educador: o ponto de vista da escola de Vigotski**. Marília, UNESP, 2001.

LIMA, Adriana Flávia dos Santos de Oliveira. **Pré escola e Alfabetização: uma proposta baseada em P. Freire e J. Piaget**. Petrópolis: vozes, 1994.

LOPES, Vanessa Gomes. **Linguagem do Corpo e Movimento**. Curitiba, PR. FAEL, 2006.

MACHADO, Maria Lúcia (org). **Encontros e desencontros em educação infantil**. São Paulo:Cortez, 2005.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Pedagogia da Animação**. Campinas: Papirus, 1991.

MINISTRINA, Vila. e BEYER, Marlei Adriana. O Lúdico - Uma forma de educar na educação infantil. **Revista de divulgação técnico-científica do ICPG**, v. 3, n. 9, p.185-188, 2006.

NEGRINE, Airton. **Aprendizagem e desenvolvimento infantil**. Porto alegre: Propil, 1994.

PIAGET, Jean. **A formação simbólica da criança**. Rio de Janeiro: Zhar, 1975.

RUIZ, Valdete Maria. OLVEIRA, Marli Jorge Vischi de. A dimensão afetiva da ação pedagógica. **Revista Pedagógica**, São Paulo, v. 01, n. 03, 2005.
Disponível em <[http:// www.webartigo.com.br](http://www.webartigo.com.br)>. Acesso em: fevereiro de 2021.

SANCHES, Emília Castro. **Pedagogia da infância na contemporaneidade**. Petrópolis: Vozes, 2004.

SEARLE, John Rogers. **Expression and meaning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

SILVA, Maria da Conceição. **A Literatura e o Incentivo à Leitura: Monteiro Lobato como ponto de partida**. 2014. Disponível em: Acesso em: 14 de abr. 2021.

SOARES, Margarida. **A Importância da Leitura no Mundo Contemporâneo**. Ozarfaxinars, Matosinhos, v.16, n.2, p.10-23, 2010.

TEIXEIRA, Carlos Ernesto José. **A ludicidade na escola**. 1ª ed. São Paulo: Loyola, 1995.

TIRIBA, Lea. **Educar e Cuidar: buscando a teoria para compreender discursos e práticas**. Rio de Janeiro: Ática, 2005.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. Tradução de: Maria da Pena Villalobos. 12ª edição. São Paulo: Ícone, 2014.

VYGOTSKI, Lev Semionovitch. **A Formação Social da Mente**. 4 ed., São Paulo, Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKI, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Editora, 2007.

VIGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação sócia da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 2007.

WOOLFOLK, Anita E. **Psicologia da Educação**. 7ª ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

ZHINKIN, Nikolai; EL LENGUAJE, IN SMIRNOV; Anatolii Aleksandrovich. **Psicologia**. Editorial Grijaldo, S. A